

Nota obituária

## Homenagem a Rodrigo Simões

*Tribute to Rodrigo Simões*

*João Antonio de Paula*  
Universidade Federal de Minas Gerais

Acho que Rodrigo gostaria que se mencionasse, numa página que quer fixar ainda que precariamente sua figura, seus autores de eleição, suas paixões, suas afinidades eletivas. Não será possível registrar tudo isso, já que foram intensas e variadas as paixões de Rodrigo. Leu com permanente prazer e admiração a Jorge Luís Borges e a Nelson Rodrigues, seu interesse pela literatura policial, foi, para dizer o mínimo, avassalador. Apreciador das narrativas, das histórias, do prazer da leitura, foi, igualmente, hedonista em seu gosto musical, Frank Sinatra, Elis Regina, John Coltrane. Com Tereza aprendeu a amar o teatro e foi paixão intensa e definitiva.

Rodrigo, certamente, não me perdoaria, se eu nem ao menos tentasse dizer que tipo de economista ele foi, que tipo de Economia ele praticou.

Talvez, ele gostasse da imagem que vou usar. Ele foi um economista que abominava os usuários de “fraque” e “polainas”, como dizia Nelson Rodrigues de quem lhe parecesse preso ao passado.

Rodrigo, certamente, não usou fraque ou polainas, e fez da irreverência uma de suas marcas. Em sua atividade profissional, como economista, desatendeu aos modismos, às pretensões exclusivistas do pensamento econômico dominante. Seus temas de pesquisa, os autores, conceitos e perspectivas que escolheu dizem respeito ao mundo econômico e social capitalista em sua viva concreticidade e complexidade, em suas contradições, em sua contundente incidência sobre a vida das maiorias que vivem sob o cotidiano da miséria e da opressão, num quadro geral marcado pela venalidade, pela alienação e pela manipulabilidade.

Só no século XVIII a Economia desprende-se de sua matriz constitutiva, na verdade matriz do conjunto dos campos do conhecimento, a Filoso-

fia. Até aquele momento, a Economia foi praticada como um capítulo da Ética, da Filosofia Moral. Sob essa condição a Economia, para ser legítima, deveria tanto buscar o bem comum, a vida melhor para a cidade, quanto lhe estavam interditas quaisquer ações que resultassem em imposição de desigualdades, de assimetrias na produção e a apropriação das riquezas.

Ao se comportar dessa maneira a Economia realizava o sentido mesmo da Filosofia, que, para Platão, existe para salvar a cidade, que, contra ela, paira sempre a ameaça da opressão, do despotismo, da iniquidade. No século XVIII, a Economia autonomizou-se, tornou-se campo do conhecimento específico, com métodos, conceitos e propósitos específicos. Não mais adscrita a preceitos éticos, a Economia, tomou-se como ciência, como ciência singular, que, ao contrário das ciências naturais, é incapaz de produzir paradigmas, daí resultando a existência de visões alternativas, discrepantes, sobre os mesmos fenômenos, visões igualmente legítimas, sem que seja possível aferir o conteúdo de “verdade” de cada uma delas, senão que reconhecer o maior prestígio ou força política e publicitária de algumas delas.

Com efeito, há, desde o final do século XVIII, uma tradição de pensamento econômico, que lastreada na perspectiva liberal, tornou-se peça importante do arsenal ideológico do capitalismo, se impôs como pensamento econômico dominante, ressignificado, de tempos em tempos, em função das transformações do capitalismo e suas necessidades de legitimação.

Essa já longa história do pensamento econômico autônomo, 250 anos, obriga os praticantes deste ofício a escolhas, a um tempo teóricas, políticas, ideológicas.

Nosso homenageado, Rodrigo Ferreira Simões (1966-2016), sempre soube disso e não hesitou. Bem formado, um dos primeiros colocados no vestibular a que se submeteu para ingressar na UFMG, um dos primeiros alunos de sua turma, doutor em economia pela UNICAMP, professor da PUC-MG e do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG, professor várias vezes homenageado pelos formandos, ocupou cargos de direção universitária na PUC-MG e na UFMG. Participou com destaque de associações científicas nacionais – ANPEC, ABEP, ANPUR – tendo sido presidente dessa última.

Bem formado em Teoria Econômica, em Métodos Quantitativos e em História Econômica, Rodrigo Simões foi economista que atendeu ao que dizia John Stuart Mill, que “para ser bom economista é preciso ser mais que economista”. Aprendeu com a crítica da Economia Política, com a his-

toriografia da *École des Annales*, a decisiva centralidade da interdisciplinaridade. Economista que descobriu cedo a geografia, a demografia, construiu sua carreira acadêmica, como professor, como pesquisador, a partir de problemática que talvez se possa chamar de estudo das repercussões no espaço, em suas várias escalas, das relações econômico-sociais. O fato de que estes estudos tenham sido enfeixados num rótulo, Economia Regional, e que este campo do conhecimento tenha sido confinado a uma tal “ciência regional”, não traduzem o modo como a tradição a que Rodrigo Simões escolheu pertencer se apropriou dos “estudos regionais” nos quadros da crítica da economia política e da geografia crítica.

Economista, planejador, formulador e avaliador de políticas públicas, Rodrigo Simões teve permanente militância política à esquerda, recusando todas as formas de transformismos e transações.

Criativo e iconoclasta não hesitava, e tinha mesmo gosto nisso, em chocar pela irreverência e *nonchalance* de suas diatribes. Amigo atencioso e dedicado, alegre e anárquico como um irmão mais novo de Chico-Harpo-Groucho-Zeppo e Gummo – fazia rir e soldava amizades sólidas, mesmo no âmbito de convivência de nenhum modo apaziguada. Sabendo, de algum modo, que a sua vida seria curta, viveu acelerada e intensamente. Viveu como escolheu, não pediu licença para ousar e apostar na vida intensa. Seus amigos sentem sua partida precoce, sofrem com o súbito silenciamento de uma voz, de uma presença, que estava, todo o tempo, celebrando o melhor da amizade, da solidariedade, da alegria.

Sua morte chegou abrupta e chocou seus inúmeros amigos, de várias gerações, de vários lugares, que experimentaram com ele o maravilhamento da descoberta dos pequenos, irrisórios e plebeus mistérios de que é feita a vida das pessoas comuns, essas feitas da mesma matéria que nós e que, como nós, também partilham a mesma promessa de felicidade.

É preciso imaginar Sísifo feliz, disse Camus. Gosto de pensar que as tristezas de Inácio, de Tereza, que a dor da perda, talvez, possam ser redimidas, em parte ao menos, pela lembrança de sua extraordinária aposta na capacidade humana de construir a vida melhor, a vida não danificada, feita de coragem, alegria e solidariedade.

### Sobre o autor

*João Antonio de Paula*

Professor do Cedeplar/Face/UFMG.